

ITENS CONJUNCIONAIS EM TEXTOS DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Therezinha Barreto
Instituto de Letras - UFBA

Este trabalho toma por base um segmento de uma pesquisa maior, tese de doutorado, intitulada *Gramaticalização das conjunções na história do português*, que analisa 136 itens conjuncionais em textos do século XIII, XIV, XV, XVI e XVII, estabelecendo o confronto com textos de língua falada do português contemporâneo do Brasil e de Portugal. Tem por objetivo apontar os itens conjuncionais empregados pelo Pe. Antônio Vieira, em cartas escritas na Bahia (CVB) e no Maranhão (CVM), no período de 1651 a 1697, e em quatro sermões do mesmo autor, os três Sermões da Quarta-feira de Cinzas (S4^aFC), de 1672, 1673 e 1675, e o Sermão da Sexagésima (SS), de 1655, e analisar o processo de gramaticalização empreendido pelos mesmos itens, apontando os que já haviam concluído a trajetória de gramaticalização no século XVII e os que ainda não estavam gramaticalizados nesse período.

Tentando detectar a continuidade do processo de gramaticalização dos itens ainda não gramaticalizados no século XVII, foram analisados também itens conjuncionais empregados por comerciantes portugueses em cartas escritas no período de 1763 a 1799 e publicadas sob o título de Cartas Setecentistas.

Sendo o Pe. Antonio Vieira um dos maiores expoentes da literatura portuguesa não é de estranhar que, em suas obras, esteja presente um rico vocabulário, uma sintaxe plena de inversões e figuras de linguagem, das quais o autor se serve para desenvolver o seu raciocínio e enriquecer os argumentos apresentados. A riqueza do seu vocabulário se reflete também no número de conjunções e correlações conjuncionais empregadas, o que nos mostra a preocupação do autor em variar os nexos utilizados para expressar relações idênticas.

São, assim, encontrados, nos textos de Vieira que serviram de *corpus* a esta pesquisa, 92 itens conjuncionais diversos, sendo 65 conjunções e 27 correlações conjuncionais.

Dentre esses itens, alguns ocorrem pela primeira vez na história da língua portuguesa, outros apresentam-se já gramaticalizados, outros ainda se encontram numa fase intermediária do processo de gramaticalização.

Entre as conjunções coordenativas, a conjunção aditiva *e*, cujo processo de gramaticalização ocorreu ainda no latim, que é empregada, larga e repetidamente, como encadeador da narrativa no português arcaico, é utilizada em menor escala com esta função discursiva.

Começa a ser empregada com o valor adversativo a forma *contudo*, oriunda da justaposição da preposição *com* ao indefinido *tudo*, a qual, em textos do século XVI, ainda conserva o seu valor semântico de origem ‘com todas as coisas’, ‘com tudo isto’, e é exclusivamente empregada como um encadeador da narrativa. Nos textos do Padre Antonio Vieira, esse item conjuncional ora se apresenta significando ‘com tudo isto’, ora se apresenta já com o valor semântico adversativo, sendo empregada também, apenas como reforço adverbial ou encadeador da narrativa:

- (1) Sêneca não conhecia a imortalidade da alma; o mais a que alegou foi a duvidá-la, e *contudo* entendia isto (S4^af.C, I, l. 578-80)
- (2) ... antes o aplaudiram todos os queixosos, que pela maior parte são os mais beneméritos. *Contudo*, sem fazer caso desta nem de nenhuma outra razão me sujeitei logo ao parecer de V. Exa., e em lugar daquele sermão vai outro para suprir o número. (CVB, CXLI, l. 36-40)
- (3) ... e posto que se puseram em campo por nós, *contudo* contra um povo furioso, ninguém prevalece (CVM, LXIV, l. 424-6)

Pode-se, pois, observar estar esse item conjuncional, no século XVII, em processo de gramaticalização, já apresentando a semanticização, isto é, a mudança de conteúdo semântico, porém ainda não sendo empregado como conjunção propriamente dita.

A conjunção *se*, condicional, ocorre associada ao advérbio *bem*, constituindo o item conjuncional *se bem*, de valor semântico contrajuntivo:

- (4) O governo eclesiástico padece a falta de prelado *se bem* no que pertence à instrução dos neófitos e conversão dos gentios se tem acrescentado muito, com as novas missões e exercícios de doutrina... (CVM, CLXXXI, l. 29-30)

Estabelecendo essa relação de contrajunção, esse item conjuncional não existe no português contemporâneo, entretanto, seguido da conjunção *que* constitui o item conjuncional concessivo *se bem que*.

Nota-se que, no exemplo acima citado, o item *se bem* estabelece a relação de contrajunção, num período em que a oração que o precede possui um sentido negativo, expresso pelo verbo seguido do seu argumento: *padece a falta*. Pode-se supor que, empregado inicialmente nesse sentido, tenha assumido, em fase posterior, por um processo metafórico, o sentido de concessão, já que, do ponto de vista semântico, as relações de contrajunção e concessão são bastante próximas, a primeira estabelecendo uma oposição, a última também expressando uma oposição, um obstáculo – real ou suposto – que, entretanto, não impede a realização do fato expresso na oração anterior.

Assim, pode-se admitir que o conteúdo semântico de contrajunção do item *se bem* se tenha atenuado, tornando-se concessivo, quando o item conjuncional era empregado após frases afirmativas e que a associação com o *que* tenha ocorrido por analogia a outros itens conjuncionais da língua portuguesa.

Se bem que já ocorre nos textos do século XVIII, como se pode observar no exemplo abaixo, retirado das Cartas Setecentistas:

- (5) ... e Seos navios teverem algum em Conveniente que Deus tal não permita nesse Cazo fica o Risco sobre mim. *Sebem* que dizem que aParecida vai para oPorto mas ainda emthe agora não mudou deviaagem... (C.XI, l. 33-4).

Entre as conjunções subordinativas, ocorre a conjunção *sendo que*, oriunda de uma reanálise da forma verbal do gerúndio do verbo *ser*, seguida de uma oração subordinada substantiva subjetiva iniciada pela conjunção integrante *que*. Esse item conjuncional é empregado, nos textos de Vieira, na sua forma ainda não gramaticalizada permitindo a inserção de itens lexicais entre os seus elementos componentes.

- (6) E faltando a El-Rey D. João por obrar todas estas somas e *sendo* certo *que* as há de sobrar, pois assim está profetizado, bem assentado parece que fica este segundo fundamento de nossa consequência (CVM, LXXXIII, l. 597-600).

ou já na forma gramaticalizada, estabelecendo uma relação de causa:

- (7) Não provaram neles os índios as frechas porque já sabem que as conchas de que estão armados são impenetráveis a elas, *sendo que* as frechas de cana, a que chamam tacoáras, não há saia de malha tão forte, nem tão dobrada que lhes resista... (CVM, LXV, l. 486-90).

Nos textos de língua falada consultados para a pesquisa anteriormente citada, ocorre, também, como encadeador da narrativa, com valor semântico contrajuntivo:

- (8) Mas para a época, eu acho que esta... estávamos tão bem nós naquela época como estão os de hoje.
Sendo que eu acho que hoje evoluiu muito, mas nós não podemos ter, naquela ocasião, naquele tempo, o que os alunos têm hoje, no ginásio. (POA, inf 006, l. 447-51).

Analisando os exemplos (5), (6) e (7) percebe-se, claramente como se operou a reanálise e a forma verbal, seguida de uma oração subordinada substantiva, associa-se à conjunção *que*, integrante, perde o seu valor semântico, passando, por um processo metonímico, a constituir com ela um só item conjuncional, para expressar a relação necessária ao contexto, a de causa.

Embora muito usado, hoje, no português falado, com outros valores semânticos, esse item conjuncional não foi documentado nos textos de língua falada consultados para a pesquisa já citada.

Proveniente do adjetivo português *conforme*, por sua vez oriundo do adjetivo latino *conformis*, e significando ‘exatamente’, ‘semelhante’, a locução prepositiva *conforme a*, empregada no século XVI, deu origem posteriormente, à preposição e à conjunção *conforme*.

Nos textos de Vieira encontram-se a locução prepositiva *conforme a* e a preposição *conforme*, como se pode observar nos exemplos a seguir:

- (9) Torno a Lisboa, ao conde Odemira, dou-lhe a notícia da nova ordem de El-Rei e *conforme a* ela se mandou aos capitães-mores que aquela noite se embarcassem para dar à vela pela manhã, porque já não havia tempo, nem maré. (CVM, LV, l. 158-62).
- (10) Chegamos às dez horas da noite, e aqui achamos o Padre Antonio Ribeiro que ia em demanda da cidade, *conforme* o aviso que recebera... (CVM, LXV, l. 239-41).

A conjunção *conforme*, entretanto, não foi documentada nesses textos do século XVII, o que parece provar não ter sido ainda consumado, nesse século, o processo de gramaticalização do item conjuncional.

Apesar de Cunha (1989, s.v. desde) afirmar que a preposição *desde* data do século XIV, só nos textos de Vieira aparece o item conjuncional *desde que*, em lugar de *desque* ou *des que* em uso desde o século XIII. A forma *desde* é fruto de uma nova morfologização: o *des*, que já representava a aglutinação das preposições *de* + *ex*, aglutinou-se, novamente, a uma outra preposição *de*: *des* + *de* > *desde*.

- (11) ... e na deferença de sua condição, benignidade, inteligência e atenção às chegadas do ofício, assim no militar como no político se prometem todos um felicíssimo governo, não obrando, *desde que* chegou, acção em que não seja grandemente aplaudido. (CVB, CCII, l. 85-9).

Surge, também, nos textos de Vieira, a conjunção subordinativa modal *sem que*, constituída da preposição *sem*, associada à conjunção *que*, como conjunção subordinativa modal.

- (12) Acho-me com muitas cartas de V. Ex^a e com mil obrigações em cada uma delas para beijar a mão de V. Ex^a outras tantas vezes, como nesta faço, *sem que* os termos do agradecimento, por mais que se multipliquem, possam igualar o número, e muito menos a grandeza, de tantas e tão excessivas mercês. (CVB, CCIII, l. 01-6).

A preposição *sem*, proveniente da conjunção latina *sine* que indicava ‘exclusão’, ‘ausência’, ‘condição’, ‘exceção’ (Gaffiot 1934, s. v. *sine*), associada à conjunção *que* passou a expressar, inicialmente, (século XVII) uma relação de *modo*, o que é facilmente explicável, uma vez que, se se exclui algo, algum motivo ou informação a respeito de um determinado fato, esse fato

passa a ser diferente, ou melhor, a ter ocorrido de um modo diferente, melhor ou pior que o anterior.

Quanto ao valor semântico condicional, que apresenta hoje, já era próprio da preposição latina, como foi explicado anteriormente. Nesse caso, a gramaticalização resume-se apenas à recategorização:

preposição + conjunção > conjunção, não havendo mudança de conteúdo semântico.

A preposição *sem* constitui, ainda, com a conjunção *que* a correlação coordenativa adversativa *sem... que* ‘*sem... senão*’, que ocorre também nas Cartas de Vieira da Bahia.

Duas outras conjunções começam a aparecer nos textos de Vieira: *posto que* e *suposto que*.

A primeira, *posto que*, em uso desde o século XV como conjunção concessiva, assume um novo valor semântico, o valor semântico causal, passando a ser empregada com verbos no modo indicativo:

- (13) Parece-me que nesta concordata, a que chamo contrato, toda a condição onerosa é minha, e toda a útil dos ditos senhores, se as minhas orações por minhas não desmerecerem o que ao menos os sacrifícios, *posto que* meus, não podem desmerecer (CVB, CCLXIX, l. 33-7).

Quanto à conjunção *suposto que* ocorre também nos textos do referido autor, estabelecendo uma relação de causa, ao lado da preposição *suposto*, de valor concessivo.

- (14) Eu lhe fui falar, e falando-lhe somente em mim, lhe pedi que, por serviço de Deus e de S.M. e me fazer mercê, *suposto que* não podia devassar de mim, ao menos, não como ministro, senão como pessoa particular... (CVB, CCIII, l. 92-9) – relação de causa.
- (15) Perguntei-lhe se se faziam também cavalos; e, como me respondeu que não, sirva-se V.M.^{cc} de dizer da minha parte a S.Ex.^a que a minha especulação é tão maliciosa que *suposto* não se fazerem cavalos, tenho para mim que não devem estar muito longe. (CVB, CCLXXXIII, l. 28-33) – relação de concessão.

Suposto é o particípio do verbo *supor*, proveniente do particípio latino *suppositu* -, do verbo *supponere* que, segundo Gaffiot, significava ‘colocar alguém no lugar de outra pessoa’, ‘arranjar testemunhas falsas’, ‘colocar embaixo’, podendo, quando empregado em sentido conotativo, significar: ‘submeter’.

Pode-se admitir que a forma verbal *suposto*, seguida de uma sentença reduzida de infinitivo, por um processo metonímico, tenha sido reinterpretada como preposição e assumido o conteúdo semântico concessivo, em virtude do seu emprego em sentenças negativas ou sentenças que se seguiam a sentenças negativas.

Pode-se também admitir que a forma verbal *suposto*, assim como a forma *posto*, seguida de uma oração subordinada substantiva subjetiva introduzida pela conjunção integrante *que*, mais uma vez, por um processo metonímico, tenha sido reinterpretada, constituindo, com a referida conjunção, um único item conjuncional causal, quando empregada em sentenças com verbos no indicativo.

Pode-se ainda *supor* ter sido a conjunção *suposto que* fruto de uma analogia, com a conjunção *posto que* em virtude da semelhança das formas *posto* e *suposto*, uma vez que só foi detectada nos textos de Vieira.

A expressão *em boa hora* que, segundo Said Ali (1966: 189), era empregada para expressar o desejo de que uma ação fosse bem sucedida, fundiu-se, constituindo o advérbio *embora*, empregado desde o século XVI.

Embora ocorre, nos textos de Vieira, em orações optativas e para indicar uma possibilidade para a realização do fato, ou melhor, a não-oposição do indivíduo ao cumprimento do fato, o que se pode constatar no exemplo seguinte:

- (16) Zombem e não gostem *embora*, e façamos nós nosso ofício (SS, 894-5).

Como se pode observar, a forma *embora* ainda se encontra, no século XVII, em processo de gramaticalização.

Do seu emprego como advérbio, já com valor concessivo, por um processo metonímico, isto é, por uma reanálise, procedeu, possivelmente, o seu emprego como conjunção concessiva, no século XVIII.

A conjunção *de guisa que* ‘de maneira que’, empregada desde o século XIII apresenta no decorrer dos séculos, formas diversas, com núcleos diversos, portadores, entretanto, do mesmo conteúdo semântico. Desse modo, tem-se nos séculos XIII e XIV, *de guisa que* ~ *per guisa que* ~ *em guisa que*, substituída no século XV pela forma ainda não gramaticalizada *de maneira... que*.

No século XVI, já com a forma fixa *de maneira que*, esse item conjuncional coocorre com ‘*de feição que*’, que, entretanto, parece ter tido curta duração, uma vez que não aparece em textos de séculos posteriores.

Nos textos de Vieira, encontra-se a conjunção *de sorte que*, de idêntico teor semântico, ainda empregada no português contemporâneo, ao lado da conjunção *de maneira que*.

- (17) As correntes aqui são muito arrebatadas, a largura do rio, quase a mesma, mas menos limpa por estar todo ele embicado de pedras, que não deixam de fazer grande estorvo à navegação. O rumo com que navegamos estes dias é inclinado cada dia mais a leste, *de sorte que*, ao amanhecer, já o Sol é quase pela proa. (CVM, LXV, l. 705-7).

Nos textos do século XVIII, ocorrem as formas *de modo que* e *de forma que*:

- (18)... porque tratou menos de expor as circunstâncias delle, doque Requerer justificarse das queixas que entendia delle formava o ViceRey, prezistindo neste empenho *de modo que* foi necessário que o ViceRey lhe dicesse, que nem hia a sua prezensa tratar daquelas materias... (D, XVIII, l. 326-31).
- (19)... e Juntamente tenho ainda alguma trinta peças dedita emcaza por que amaldita fazenda embarraniou, mas não será perçizo para eu concluir, mas *de forma que* não muleste vossa mercê bem me entendo. (D. LXXXIV, l. 11-4).

O português contemporâneo emprega, além das conjunções *de maneira que* e *de sorte que*, as conjunções *de modo que* e *de forma que* ~ *de formas que*:

- (20)... achava bonito... *de modo que* houve uma... uma fase que eu estranhei essa coisa de... de eles não usarem mais paletó... (RJ, inf. 128, l. 227-9)
- (21)... esses móveis têm que estar bem localizados em... em termos assim, de... eh... não estarem, assim, muito expostos a sol e estarem, assim, *de forma que* possam receber uma iluminação durante o dia, assim, satisfatória, uma... (SSA, inf. 224, l. 655-8).
- (22)... e por falta de uma capaci... de uma capacitação talvez técnica ou de orientação dos professores... não vá suprimindo essas dificuldades que ele vai sentindo... *de formas que*... vai levando... (Re, inf. 256, l. 19-22).

Percebe-se que todos esses itens conjuncionais são formados com substantivos pertencentes à mesma área semântica e que expressam a mesma relação de modo. Assim, pode-se afirmar que a conjunção *de maneira que*, empregada desde o século XV, ainda não se encontra gramaticalizada, permitindo a substituição do núcleo nominal por palavras sinônimas. O significado da palavra *guisa* e, posteriormente, o da palavra *maneira*, por um processo metafórico de crescente abstratização, determinou a relação de modo expressa pelos itens conjuncionais. A associação com a conjunção *que* parece ter sido determinada por um processo analógico a outros itens conjuncionais da língua portuguesa, constituídos com a associação desse item conjuncional subordinativo.

Quanto às correlações, também podem ser citadas algumas inovações:

A correlação proporcional *quanto... tanto*, detectada nos textos do português arcaico, com as variantes:

quanto... tanto
quanto... mais... tanto mais ~ quanto... mais... tanto... mais
quanto... mais... tanto meos
tan... mais pouco... quanto moor
quanto mais... tanto mais pouco

quanto... mais... tanto... meor
quanto... tanto mais

Apresenta, no século XVII, a possibilidade de inversão dos seus termos, ocorrendo como *quanto... tanto mais* ou *tanto mais... quanto mais*:

- (23) ... porque *quanto* as setas são mais agudas *tanto mais* facilmente se despontam na pedra. (SS, l. 289-90)
(24) ... conhecendo agora que então não teve efeito aquela eleição, reservando-a Deus para a presente, *tanto mais* para estimar, *quanto* os pais estimam *mais* as filhas que as irmãs. (CVB, CCLXXXIV, l. 2-4).

Assim, inicialmente apenas constituída dos indefinidos, *quanto... tanto*, essa correlação associou, no decorrer dos séculos, os advérbios *mais*, *meos* (menos), os comparativos *meor* (melhor), *moor* (maior) ou a combinação *mais pouco* e admitiu a inserção entre todos os seus termos, para, finalmente, gramaticalizar-se em formas fixas, correlações constituídas de duas partes: a primeira formada pelo advérbio *quanto*, associado aos advérbios *mais* ou *menos* e a segunda constituída do advérbio *tanto*, também associado aos advérbios *mais* ou *menos*. A inserção de termos passou também a ser permitida apenas entre as duas partes da correlação. Com a gramaticalização, pois, as correlações passaram a ter formas fixas, perdendo a liberdade para modificações.

As correlações comparativas de igualdade:

tanto... como ~ tanto como
tam... como ~ tão como

constituídas do advérbio *tanto*, do latim *tantu-* ou da sua forma apocopada *tam* e da conjunção comparativa *como* que ocorrem, no português, desde o século XIII, apresentam, no

século XVII, as variantes *tão... quanto* e *tão... quão*.

- (25) ... aqui achará V. Ilm^a em mim não só o maior vereador, como sempre, mas um súbdito e servo tão afetuoso e devoto e *tão* desejoso de se empregar todo no serviço de V. Ilm^a, *quanto* pedem as repetidas obrigações e favores com que V. Ilm^a o tem honrado. (CVB, CLXXXII, l. 24-7).
- (26) ... e dizem se desculpa com que assim o tem por regimento, nas instruções que trouxe do mesmo senhor, a que ninguém se persuade, e muito menos eu que *tão* interiormente conheço *quão* escrupulosa é a consciência de S.M. *quão* recta a sua justiça e *quão* sincera a verdade de sua real palavra. (CVB, CCVIII, l. 31-6).

Vieira emprega ainda a variante *tão... qual*:

- (27) Cá apareceu um cometa aos que aos 06 de Dezembro, dia em que foi coroado el-rei, muito maior que o grandíssimo que lá vimos no ano de 80, em figura de palma, que se estendia desde o horizonte até o zénite, e levava o curso para a parte austral *tão* arrebatado *qual* nunca se viu em outro (CVB, CCXLVI, l. 49-54).

A partir do século XVII, essa correlação é empregada, exclusivamente, na forma *tanto... como*, do português contemporâneo.

A correlação *não só... mas também* que aparece sob a forma *non solamente... mas* nos *Diálogos de S. Gregório*, texto do século XIV, apresenta formas variadas no decorrer dos séculos. Na *Crônica de D. Pedro*, de Fernão Lopes, texto do século XV, o advérbio *non* e a conjunção adversativa *mas* desta correlação ocorrem seguidos da conjunção comparativa *come*:

- (28) ... he nossa itençom n'este prologo muito curtamente falar *non come* buscador de novas razões, per própria invençom achadas, *mas come* ajuntador em huũ breve moolho dos ditos d'algũũs que nos prouguerom... (CDP, Prólogo, l. 06-9).

Nos textos do século XVI aparecem as variantes: *nam somente... mas*, *nam... mas*, *nõ somente... mas ainda* ~ *nam somente... mas ainda*:

- (29) Assi, negár a execuçam deste desejo de bem fazer, com reço de reprehões, *nam somente* seria viçiosa vergonha, *mas* eternál confusam. (DVV, p. 445, l. 15-7).
- (30) Aqui deste modo e em outros *nam* tomamos as térras per o elemento da terra, *mas* per a diversidade das provinçias déla. (GLP, 343-4).
- (31) Porque *nõ somente* he necessario cuydallas huũ vez beẽ, assy como a vosso serviço compre, *mas ainda* depois que o caminho que eu ordeno he desprezado, ainda de tornar a cuydar como se desfaraão os barrancos e corregos e se faraa mais chaão ho que outras pessoas ordenam pera que menos dano faça a vosso serviço. (CDJIII, CVI, l.03-8).
- (32) E mais mestres/leixam os disçipulos danáados per toda sua vida, *nam sòmente* com viçios d'alma, de que poderemos dár exemplos, *mas ainda* no módo de õs ensinár. (DLNL, p. 406-7, l. 23-6).

Nos textos do século XVII, novas variantes aparecem: *não... mas, não só... senão, não só... senão também, (não só)... como também, não só... mas ~ não só... mas também*.

Nos diálogos do NURC e do PF que fizeram parte do *corpus* da pesquisa anteriormente citada foram detectadas as variantes: *não... mas, não somente... como, não só... como até, não só... mas, não só... como, não somente... como também, () ... mas também*.

Almeida cita ainda, para o português contemporâneo, as variantes: *não só... como, não só... também, não só... porém sim, não só... mas até mesmo*.

Como se pode verificar, esta correlação encontrava-se no século XVII, em processo de gramaticalização, o qual parece não ter sido ainda concluído, uma vez que o item conjuncional ainda apresenta variação entre os seus elementos componentes, como se pode verificar nos exemplos abaixo, retirados do Projeto NURC:

- (33) ... eu acho que se resumem nisso mesmo que eu acabei de dizer, não é, complementar recursos, *não somente* recursos financeiros, *como* recursos materiais, recursos de outra or... de outras ordens, né... (SSA, inf 360, l. 648-51).
- (34) E, com o correr do tempo, *não só* a casaca desapareceu das ruas, *como até* aquele traje que se usava nos dias de Sexta-feira Santa e... (SSA, inf 203, l. 06-8).
- (35) ... faço as, as diversas combinações de outras coisas (inint) por, por onde ando, *não só* na hora da refeição em casa ao meio dia, *mas* o arroz eu não dispenso, gosto imensamente, arroz, carne e legumes são, é a base da minha alimentação, que eu gosto demais... (POA, inf 144, l. 14-8).
- (36) ... mas a capela-mor é realmente surpreendente *não só* pela estrutura da capela em si, porque é muito peculiada, é uma capela-mor de tipo gótico com abóbada de nervuras e com pinturas a fresco, eh, *mas* reativamente vulgares... (PF, inf 0090, l. 10-3).
- (37) Procuo mantê-los sempre limpos, não só lavando duas vezes por semana, mas... usando outros a... artificios, outras ah... maneiras de mantê-lo limpo, sempre bem penteado. (POA, inf 09, l. 51-3). Que na profissão que eu tenho... a... apresentação é muito importante, *não só* no vestiário, *como* no aspecto geral. (POA, inf 09-, l. 53-5).
- (38) No caso, por exemplo, desse caso que eu citei da... da... da Barragem de... de Itaipu, *não somente* o governo brasileiro entra com recursos e o governo paraguaio entra com recursos também, *como também*, nas equipes de trabalho... (SSA, inf 360, l. 552-6).
- (39) ... uma espécie de bonde misto... que ele transportava o passageiro...*mas também* transportava bagagem... (RJ, inf 128, l. 606-8).

São empregadas apenas nos textos de Vieira:

- as correlações adversativas: *não... que = não... senão*

- (40) Depois de V.M^{cc} ter trabalhado tanto na ordem e disposição destas missões, e elas deverem a V.M^{cc} o ser, *não* me fica *que* pedir mais que a sua conservação e aumento... (CVM, LXXV, l. 34-6).
- (41) ... mas de um mês a esta parte, em que, livre do cuidado desta Província, *não* tenho outro *que* o da própria quietação, agora me parece cheguei a compreender o rumo da mesma felicidade, que não conhecia inteiramente. (CVB, CCLX, l. 05-10).
- (42) De onde também se convence que a minha jornada não foi tratada em conferência dos ministros, como acima se diz, pois S.M. *não*

comunicou o seu intento a *outra* pessoa mais *que* a mim (CVB, CCXXX, l. 40-2).

- *sem... que* = '*sem... senão*'

(43) Ontem me veio ver a este meu deserto um soldado da frota, *sem* outro interesse *que* a curiosidade de poder testemunhar em Lisboa que ainda sou vivo (CVB, CCLXXXIII, l. 23-5).

- A correlação consecutiva:

tamanhas... como

(44) Saem estas tartaruguinhas *tamanhas como* um caranguejo pequeno. (CVM, LXV, l. 390-1).

Assim, dos 92 itens conjuncionais empregados por Vieira nas cartas escritas na Bahia e no Maranhão, nos 3 Sermões da Quarta-feira de Cinzas e no Sermão da Sexagésima, 10 não foram detectados nos textos anteriormente consultados dos séculos XIII ao século XVI, o que permite supor terem tido a sua origem no século XVII. São as conjunções: *sendo que*, *contudo*, *de sorte que*, *sem que*, *posto que* (causal), *suposto que*, *se bem*; e as correlações *não... que*, *sem... que*, (*sem... senão*), *tamanhas... como*, estas empregadas exclusivamente pelo autor.

Desses itens conjuncionais, estão ainda em processo de gramaticalização, no século XVIII *sendo que*, *contudo*, *de sorte que*, *se bem que*.

Entre os outros 82 itens conjuncionais empregados por Vieira, de origem anterior ao século XVII, apresentam modificação de forma ou de comportamento sintático, semântico ou discursivo:

1. a conjunção aditiva *e*, que, como já foi especificado, teve o seu uso reduzido como encaideador da narrativa;
2. a conjunção *quando*, que é empregada, exclusivamente por Vieira, como conjunção concessiva:

(45) ... e outras muitas afrontas contra a pureza e generosidade de nosso intuito, *que quando* não sejam verdadeiras, têm muito fundamento para o parecerem (CVM, LXXX, l. 219-21).

Nesse caso, pode-se admitir tratar-se de um arcaísmo que reflete o valor concessivo da conjunção latina *cum* que a forma *quando* substituiu.

3. a conjunção *porquanto* que passa a ser empregada com a forma já gramaticalizada, conservando o valor semântico causal já encontrado em textos dos séculos precedentes:

(46) O remédio, pois, Senhor, consiste em que se mude e melhore a forma por que até agora foram governados os índios, o que se poderá fazer mandando V. M guardar os capítulos seguintes. *Que, porquanto* as jornadas ao sertão, que fazem, são ordinariamente perigosas, por razão dos bárbaros, para segurar os religiosos e os índios que forem nas ditas jornadas haja companhia de soldados brancos, a qual, ou inteira, ou dividida lhe dá escolha, conforme a necessidade o pedir: (CVN, LXIX, l. 16-9, 138-42).

4. a conjunção *des que* a qual apresenta uma nova forma *desde que* com a aglutinação de uma outra preposição *de*;

5. os itens *conforme* e *embora* que se apresentam em processo de gramaticalização, não sendo ainda empregados como conjunções;
6. a correlação *já... já* que apresenta um comportamento sintático diverso do que se verifica no português contemporâneo, uma vez que é empregada para alternar mais de dois itens lexicais ou sintagmas;
7. a conjunção *de maneira que* e a correlação *não só... mas também*, que parecem não estar ainda gramaticalizadas, apresentando modificações nos termos componentes;
8. do mesmo modo, a correlação comparativa *tanto... quanto ~ tão... quanto* e as correlações proporcionais *quanto mais... mais, quanto mais... menos, quanto menos... mais, quanto menos... menos* que, ainda no século XVII, não apresentam formas fixas.

REFERÊNCIAS:

- AZEVEDO, J. Lúcio de. (1971). *Cartas do Padre Antonio Vieira*. Lisboa: Imprensa Nacional, t. I e 2.
- BARBOSA, Afranio Goncalves. (1999). *Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em Cartas de Comércio*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro (inérita).
- BARRETO, Therezinha Maria Mello. (1999). *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador. UFBA. Tese de Doutorado em Letras.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (1997a). A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador. n. 19, UFBA. p. 25-64.
- (1997b). Língua falada e gramaticalização. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, São Paulo, n.1, p. 107-20.
- COROMINAS, Joan. (1991). *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 4 v.
- HEINE, B., CLAUDI, U., HÜNNEMEYER, F. (1991). *Grammaticalization: a conceptual framework* Chicago/London: The University of Chicago Press.
- HEINE, B. (ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. v. 1, p. 17-36.
- HUBER, Joseph. (1986). *Gramática do português antigo*. Trad. de Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- LOBO, Tânia Conceição Freire. (2001). *Para uma sociolingüística histórica do português no Brasil: edição filológica e análise lingüística de cartas particulares do recôncavo da Bahia, séc. XIX*. Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa, apresentada à Universidade de São Paulo.
- MACHADO, José Pedro. (1967). *Diccionario etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Confluência, 3 v.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (1984). Pero e porém: mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa. *Boletim de Filologia*. Lisboa, v. 29p., 129-151.
- (1989). *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.